

Histórias de uma cidade histórica

*Vi diamantes, cantei serestas
Ouvi histórias em Diamantina*

Maria Ângela de Faria Resende *

O Festival de Inverno da UFMG tem proporcionado oportunidade de trabalhos em diversas áreas culturais, ora atendendo a demandas de âmbito nacional, ora buscando integração com a comunidade regional.

O trabalho com histórias infantis da região de Diamantina ¹ foi inspirado pela própria cidade. Julguei que seria relevante preservar a memória no campo da literatura oral e, conseqüentemente, valorizar as manifestações culturais de raízes populares, da mesma maneira que se preservam as igrejas, o casario, a capistrana do calçamento, a festa do Divino, as serestas . . .

* Professora Adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - FAE/UFMG.

1) Pesquisa iniciada pela autora, durante o XVI Festival de Inverno - Diamantina, 1983 e retomada no Festival de 1985. Dela tomaram-se histórias que, reescritas e ilustradas no último Festival, serão publicadas sob o título: 13 Diamantes Brutos.

Participaram da coleta de dados: Maria do Carmo Brandão Faria, Mauro Lúcio Xavier, Ailza Almeida Amorim, Waldir Dias Filho, Miriam Horta.



Ilustração: Mariette Menezes

Já disseram que a lenda é a poesia da História. Quem sabe se nas histórias que avós, babás e mães contavam às crianças não estaria, também, à semelhança da lenda dos índios puris, da história da Chica da Silva, do episódio da descoberta dos diamantes, um pouco da história de Diamantina?

E mais. As histórias contadas de geração em geração não conteriam elas valores sociais e morais, enfim, princípios educativos que deveriam ser transmitidos dos mais velhos aos mais novos?

A pesquisa consistiu, inicialmente, no registro de histórias e casos que se contavam às crianças de todas as épocas e que se conservam na memória de alguns habitantes da região de Diamantina. Posteriormente, seriam transcritos, analisados e o trabalho resultante, devolvido à Diamantina, seja em forma de publicação, seja em forma de sugestões de atividades a serem aplicadas à Escola.

As histórias gravadas foram ouvidas, principalmente, de pessoas idosas, inclusive velhinhos do Asilo Frederico Ozanan e, segundo eles, são histórias que faziam parte do cotidiano da região: mães, avós e babás contavam-nas na hora de dormir; empregadas, ao fogo de lenha, deliciavam as crianças que se reuniam na cozinha; jovens e velhos, em roda, na praça da Igreja de Beri-Beri "punham versos" e contavam histórias.

Mas não foram só mulheres as contadeiras: homens, crianças e até um sacerdote deram a sua contribuição.

E de onde vieram essas histórias? Do passado?

Na opinião de alguns contadores, hoje ninguém mais sabe contar histórias: ou estão muito velhos e já se esqueceram das que sabiam, ou são as crianças que, preferindo a televisão, o cinema, as revistas em quadrinhos, dispensaram a figura do contador de casos e histórias. Nesse círculo vicio-

so o contador não tem para quem contar, esquece o que já soube — onde vão parar as nossas histórias infantis? No futuro?

Comecei andando por Diamantina.

"Estas ruas serpentes

É tão fácil entendê-las.

Descem doidas por diamantes

Sobem ávidas de estrelas" 2

A cidade antiga guarda muitas lembranças, lendas, histórias. É só ouvir. E cantar, também!

"Quando, à noite, a linda lua

Torna as pedras cor de prata,

Diamantina sai à rua,

Transformada em serenata . . ." 3

O encontro com os diamantinenses é agradável, simpático, caloroso. As nossas perguntas eram respondidas entre risos, geravam longas conversas e, às vezes, até confidências . . . De início, o gravador intimidava um pouco; depois o esqueciam.

Sobre a história da região nada se falou. Nem sobre pessoas conhecidas.

Os diferentes personagens que povoam as histórias chamam-se João, "seu" Joaquim, dona Francisca, Guiomar, Guimarães, Maria . . .

— "Antigamente, quase todo mundo tinha nome de Maria, né?" disse uma contadora.

E a conversa continuava, os fatos vinham chegando, o gravador girava, gravava, guardava . . .

Dona Dorvalina Evangelista de Jesus, nascida e criada no interior da região de Diamantina, filha de ex-escravos lavouristas, contou a história dos dois casais:

"Era um casal, o marido e sua senhora. A mulher era uma bruxa e o homem virava peixe. Ele trabalhava e tinha empregada, a empregada era só na cozinha da casa. E eles tinham um

restaurante. No restaurante era só a bruxa que mexia, que trabalhava. Ali tinha de "um tudo": era doce, uma porção de coisas . . .

Havia um outro casal, encantado. A moça virava pomba e o moço virava pombo. Era um casal de pombos; eles ficaram gostando um do outro. Todas as vezes que vejo um pombo — e aqui tem muitos, vocês já viram — me lembro desse caso e fico pensando se é algum pombo dos casos que minha mãe contava!

Pois bem, ela se chamava Guiomar e ele Guimarães.

Um dia, saíram para dar um passeio e se perderam, desorientados do lugar onde moravam. Foram andando, andando os dois. Aí, Guiomar disse:

— Ô Guimarães, estou com fome! E já pegou a escurecer! Está ficando de noite e como vamos fazer?

— Vamos andando, Guiô. Ainda está assim meio claro, vamos andando! Nós temos que descobrir aí um restaurante, qualquer casa aí para nós comer alguma coisa e descansarmos um pouco.

E foram andando. Com um pouco, chegaram ao restaurante de dona Bruxa. Ela estava lá, arrumando as coisas, pois era muito caprichosa, inteligente. De vez em quando, ela tirava tudo do lugar para limpar e arrumar de novo. Era bonitinho mesmo, o restaurante!

Aí chega o casal de pombos com a aliança e no eles chegarem, Guiomar virou moça e o Guimarães, rapaz.

A bruxa veio:

— Que vocês estão querendo?

Eles cumprimentaram e falaram com ela que eles estavam viajando e se perderam do lugar onde moravam. Eles queriam comer qualquer coisa. Pediram que ela arrumasse uma refeição, um arroz com bife. Mas, primeiro, devia arrumar outra coisa: um doce ou uma quitanda, uma coisa.

Então ela arrumou e eles foram comendo a quitanda, enquanto a bruxa

2) Versos de Padre Celso Carvalho.

3) Versos de Padre Celso Carvalho. Música de Lúcia Pádua.

foi fazer a comida. Fez o arroz, fez a carne. Tinha frango, tinha de tudo. Aí, ela foi e arrumou outra mesa e eles comeram, os dois.

Então ela contou que, antes de casar, o marido dela era muito inteligente, trabalhador, mexia com tudo e depois que casou com ela, ele deu para mais inteligente ainda. Fazia tudo que queria.

Quando foi um dia, ele deu na idéia de fazer um bezerro de madeira armada. Então ela disse:

— Para ficar mais completo, vamos ver se nós fazemos o jogo, o par.

Assim ele foi e fez. Armou o bezerro primeiro e viu que assim como armou o bezerro, deveria armar a vaca e o outro bezerrinho, que era um casal. Então ela falou:

— Assim como você fez o casal menor, vamos ver se fazemos o maior.

— Mas agora a madeira é pouca, não vai dar.

— Arrumemos a madeira. Vamos sair. Eu levo a foice e você o machado.

Aí saíram nas matas. De primeiro, havia as matas virgens, as madeiras que ninguém nunca contou. Agora, por lei, essas árvores antigas a gente não pode cortar. A lei não permite.

Eles continuaram e tiraram a madeira e armaram o boieco, o bezerro, a irmazinha do bezerro e a vaca.

O Guimarães foi pediu desculpas à bruxa e falou:

— Nos dê licença, dona Bruxa, está boa a prosa, mas a senhora nos dá licença porque temos muito que viajar!

— Não, meu filho, não vai não. Isso é muito tarde para vocês.

Aí ela olhou a mão deles e, vendo que eram noivos, perguntou:

— Ah! Vocês são noivos?

— Somos, sim senhora.

— Já marcaram o casamento?

— Não, senhora, ainda não, porque estamos perdidos. Saímos de casa para dar um passeio e perdemos o rumo de casa. Mas, depois que nós acharmos o rumo de casa, vamos marcar o casamento e nós vamos casar.

— Ah! O nome?

— Eu me chamo Guimarães, e a minha noiva, Guiomar.

Então a bruxa tomou o nome deles e disse:

— Eu quero que voltem. Marquem o lugar direitinho. Eu gostei muito de vocês.

Eles se despediram e saíram. Foram andando, andando, mas houve um contratempo e a Guiomar perdeu do Guimarães. E foram andando; Guiomar procurando Guimarães e Guimarães procurando Guiomar.

Com muito custo, Guimarães chegou em casa. Eles moravam subterrâneo, por baixo da terra. Lá em baixo era aquele salão, aquele sobrado, muito bem organizado, bem mobiliado, tudo muito arrumado.

Guiomar procurou por todo canto e nada de Guiomar. Lá vai indo o dia embora e nada. Ele estava preocupado e só falava:

— Perdi de Guiomar. Estou perdido de Guiomar!

E ficou o coitadinho esperando.

Quando foi no outro dia, Guiomar chegou e falou:

— Guimarães, Guimarães, você se esqueceu de Guiomar!

— Não, não esqueci, não. Eu perdi de você!

Ele achou que ela tinha achado outro, ficou gostando do outro e tinha esquecido dele.

Ela falou que não.

Quando foi de tarde, eles arrumaram e casaram.

E vieram outras histórias de reis ou príncipes, sempre poderosos, ricos e bons. Esses monarcas nunca eram maus. Às vezes, perseguiam suas filhas quando estas, desobedientes, fugiam para se casar com um rapaz diferente daquele que o pai escolhera.

As rainhas e princesas eram boas, bonitas, "asseadas" e embora corresse o sangue real em suas veias, eram muito trabalhadoras, faziam todo o serviço da casa: arrumavam, cozinhavam, lavavam. Uma das poucas empregadas domésticas citadas não trabalhava para uma rainha mas para uma mulher muito "enjoada" que não gostava de comer na frente do marido . . .

Havia também mães carinhosas, pais amorosos, madrastas malvadas. E crianças! Um sofriam na companhia de madrastas ou padrastos; outras, por de-

sobedecerem à mãe, eram temporariamente castigadas, como no caso da menina que o Tibungue pegou e colocou dentro do "surrão". Nem a madrinha conseguiu salvá-la, só a mãe, amorosa e esperta.

Aliás, a esperteza é uma qualidade bastante valorizada: o Pedro Malazartes é muito apreciado, como são admirados o homem que fingiu de morto, o menino que só respondeu ao sacerdote por meio de enigmas e tiradas espirituosas, a moça que colocou uma cabrinha na cama para enganar o rei, o rapaz que não caiu na armadilha da velha do "campo de quem vai não volta" . . .

A bênção paterna também é importante. Só o filho que preferiu mais bênção e menos dinheiro foi bem sucedido em suas aventuras, ao contrário de seus irmãos, que saíram pelo mundo com mais dinheiro e menos bênção.

E há magia, efeitos sobrenaturais. Tudo pode ficar encantado: as quatro favas que o marido colocou nos cantos do quarto e que contaram o que a mulher fazia na sua ausência; os "cuspos que a filha do rei deixou no chão do quarto para que respondessem ao chamado do pai, enquanto ela fugia com seu "bem amado", os príncipes transformados em cabeça de boi ou em pássaro, a fim de descobrir o verdadeiro amor; os cabelos da menina enterrada viva, na ausência do pai, que "brotaram" como grama verde e fresquinha; a princesa que se vestiu de "sargento verde" quando foi descobrir a traição de seu noivo e que, após desmascará-lo, "inclinou a cabeça para um lado, virou uma linda pomba branca e saiu voando. . ."

Havia, ainda, cavalos que voavam, cinzas que se transformavam em espesso nevoeiro, alfinetes que viravam espinheiros, picadas de sal que se tornavam rios caudalosos.

Vieram também histórias de bichos: o dragão poderoso, o pinto pedrês esperto, o macaco ladino, a onça malvada, o leão conquistador, a galinha curiosa. Todos, um dia, foram à festa no céu.

Aí, entrou pelo pé do pato, saiu pelo pé do pinto e quem leu sobre essas histórias que me conte cinco . . .